



A SUINOCULTURA BRASILEIRA EM 2011 E PERSPECTIVAS PARA O PRÓXIMO ANO

Sofrendo com os elevados custos de produção e com a redução dos preços pagos pelos seus produtos, suinocultores tiveram dificuldade para operar com rentabilidade em 2011. Manutenção da demanda no mercado doméstico e abertura do mercado asiático, em especial o chinês, devem garantir melhores dias para o setor suinícola brasileiro no próximo ano.

Por **Marcelo Miele**¹

A suinocultura brasileira em 2011 operou com preços em queda e custos em alta, o que comprometeu a recuperação da rentabilidade. O mercado externo teve sua participação reduzida, mas propiciou preços altos às exportações. O mercado interno foi o dinamizador da cadeia produtiva. Caracterizou-se por preços estáveis, mas em patamares elevados, contribuindo para a rentabilidade do setor agroindustrial. As principais mudanças que afetarão o ano de 2012 são a abertura do mercado chinês, a redução das compras russas, a consolidação da fusão entre as duas líderes de mercado, a regulamentação dos contratos de integração e a continuidade do programa de etanol dos EUA e seus efeitos no preço do milho.

QUEDA NAS EXPORTAÇÕES E PRE-DOMÍNIO DO MERCADO INTERNO

O alojamento de matrizes do rebanho industrial vem crescendo de forma modesta desde 2010, mantendo-se praticamente estável (Tabela 1), mas a oferta de animais para abate cresceu acima do alojamento de matrizes devido ao aumento na sua produtividade, de quase 0,5 terminado/matriz/ano. Os Estados que mais expandiram os alojamentos foram Paraná, Santa Catarina, Goiás e Minas Gerais².

Os abates totais continuaram a trajetória de crescimento verificada no ano anterior (Tabela 1), sendo que os destaques foram os Estados do Paraná, Mato Grosso do

Sul, Minas Gerais e Mato Grosso, bem como os abates sob inspeção estadual e municipal, o que indica o bom momento econômico para os frigoríficos de pequeno e médio porte. A oferta de carne cresceu acima dos abates em função do maior peso médio das carcaças, devendo atingir a marca de 3,3 milhões de toneladas. No sentido contrário, as exportações mantêm a trajetória de redução, fechando 2011 com 514 mil toneladas (Tabela 1). Apesar da queda nos volumes exportados, houve um aumento de 6,5% no valor das exportações em dólar, devido ao aumento no preço médio obtido pelo exportador brasileiro, que chegou a 2,7 mil US\$/t. O desempenho das exportações brasileiras contrasta com o comércio internacional de carne suína, que apresentou um aumento de 8,8% nos volumes comercializados, puxado pelos EUA e pela União Europeia (UE). Assim, o País vem reduzindo sua participação no mercado internacional, de 12,5% em 2009, para 10,2% em 2010 e uma estimativa de 8,9% em 2011³. A taxa de câmbio do primeiro semestre contribuiu significativamente para a perda de competitividade da carne suína brasileira, apesar da forte apreciação da moeda norte-americana a partir de agosto de 2011. Além do câmbio, foi decisivo para este fraco desempenho o embargo da Rússia, parcialmente compensado pelo aumento das compras de Hong Kong e Ucrânia.

Assim como em 2010, foi o mercado interno que absorveu o crescimento da oferta e a redução das exportações, com um incremento na disponibilidade interna de mais de 287 mil toneladas, ou 1,36 kg/habitante (Tabela 1).

TABELA 1. OFERTA, EXPORTAÇÃO E DISPONIBILIDADE INTERNA DE CARNE SUÍNA NO BRASIL

Oferta e demanda	2010	2011*	Crescimento (%) 2010/09	Crescimento (%) 2011/10
Alojamento de matrizes (mil cabeças)	1.594	1.623	1,0	1,8
Abates (mil cabeças)	32.511	34.392	5,1	5,8
Oferta de carne (mil ton.)**	3.078	3.339	5,1	8,5
Exportações (mil ton.)	540	514	-11,0	-4,8
Disponibilidade interna (mil ton.)	2.538	2.825	9,3	11,3
População (milhões de hab.)	193,3	194,9	0,9	0,9
Disponibilidade interna per capita (kg/pessoa)	13,1	14,5	8,3	10,3

Fonte: ABIPECs e Embrapa - Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos (LSPS); IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais e Estimativas e Projeções Populacionais; ABIPECs - Estatísticas do Mercado Externo

* Os abates e a oferta de carne em 2011 foram estimados com base no desempenho do primeiro semestre, as exportações de 2011 foram estimadas com base no período de Jan. a Out.

** Não inclui a oferta de carne do rebanho de subsistência

RELAÇÃO DE PREÇOS COM AS DE-MAIS CARNES

Ao contrário de 2010, os preços no varejo das carnes bovina e suína não pressionaram a inflação ao consumidor em 2011. Além disso, ficaram um pouco mais atraentes em relação às carnes de frango e de pescados, cujos preços cresceram acima da inflação, assim como os preços dos produtos processados de carne suína (Fig. 1). É interessante ressaltar que o comportamento no mercado internacional foi diferente, com o preço da carne suína puxando as cotações das carnes (Fig. 2). Isso indica que o aumento da disponibilidade interna e a carne bovina determinaram o nível de preço da carne suína.

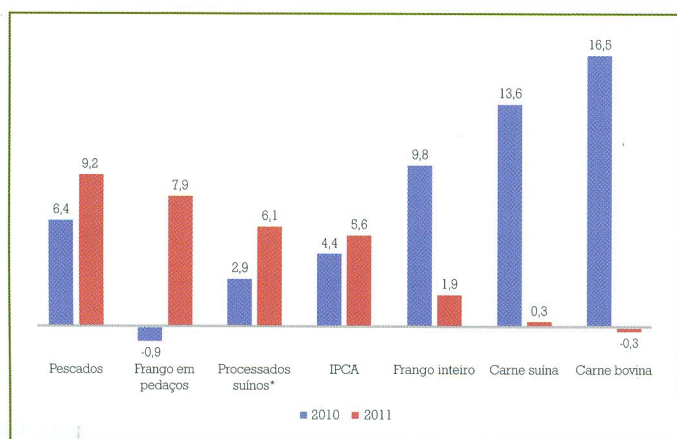


Figura 1. IPCA acumulado de Jan. a Out., nos principais produtos do segmento carne

Fonte: calculado pelos autores a partir de IBGE/IPCA

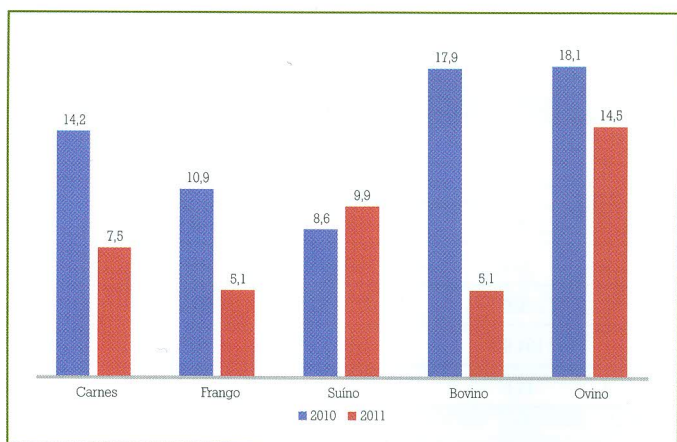


Figura 2. Índice de Preços Internacionais das carnes da FAO, variação percentual acumulada de Jan. a Ago.

Fonte: calculado pelos autores a partir de FAO Meat Price Index

A VARIAÇÃO DOS PREÇOS AO LONGO DA CADEIA PRODUTIVA

O aumento do preço do milho foi o fator que mais influenciou de forma negativa a rentabilidade da cadeia produtiva da carne suína em 2011. A forte alta acompanha a tendência mundial e vem ocorrendo desde o segundo semestre de 2010, sendo que o ano de 2011 caracterizou-se por preços mais estáveis, mas em patamares elevados. Por sua vez, o preço do farelo de soja iniciou o ano em queda, compensando parte do aumento no custo da ração (Tab. 2 e Fig. 3).

O mercado de suínos apresentou uma combinação de fatores aparentemente contraditória em 2011, com estabilidade no alojamento de matrizes (oferta contida), aumento dos abates (demanda aquecida), alta no milho (maiores custos de produção) e redução de preços pagos. De fato, a recuperação nos preços esperada pelo produtor não se concretizou, com uma variação acumulada no primeiro semestre de -31,2%, a qual foi parcialmente recuperada a partir de julho de 2011 (Fig. 3).

Mas alguns fatores podem explicar isso. Em primeiro lugar, o mercado *spot* representa apenas 33% do alojamento de matrizes⁴ e tem diminuído sua participação, tendo sido fortemente influenciado por fatores externos como o embargo russo e pelos comportamentos especulativos que se seguiram a ele. Em segundo lugar, o preço da carne suína no varejo seguiu o da carne bovina, havendo um repasse aos elos à montante da cadeia produtiva. Este ajuste deve ter sido mais acentuado nos pequenos frigoríficos e naqueles de atuação regional (estratégia baseada em carne *in natura* e suprimento via mercado *spot*) do que nas agroindústrias líderes (estratégia baseada em produtos processados e exportações com suprimento via integração).

Assim, a recomposição da margem bruta⁵ na comercialização do suíno vivo verificada em 2010 não se repetiu em 2011, frustrando expectativas do setor. A crescente volatilidade dos preços e da renda agrícola é outra questão que tem afetado os produtores.

Esta análise retrata a situação dos suinocultores independentes ou aqueles integrados que detêm o controle da própria ração. Os custos e rendimentos dos suinocultores ligados à agroindústria com contratos de parceria ou comodato não têm tanta variabilidade porque não envolvem o preço dos grãos, mas apenas mão-de-obra, energia e manutenção e depreciação das instalações.

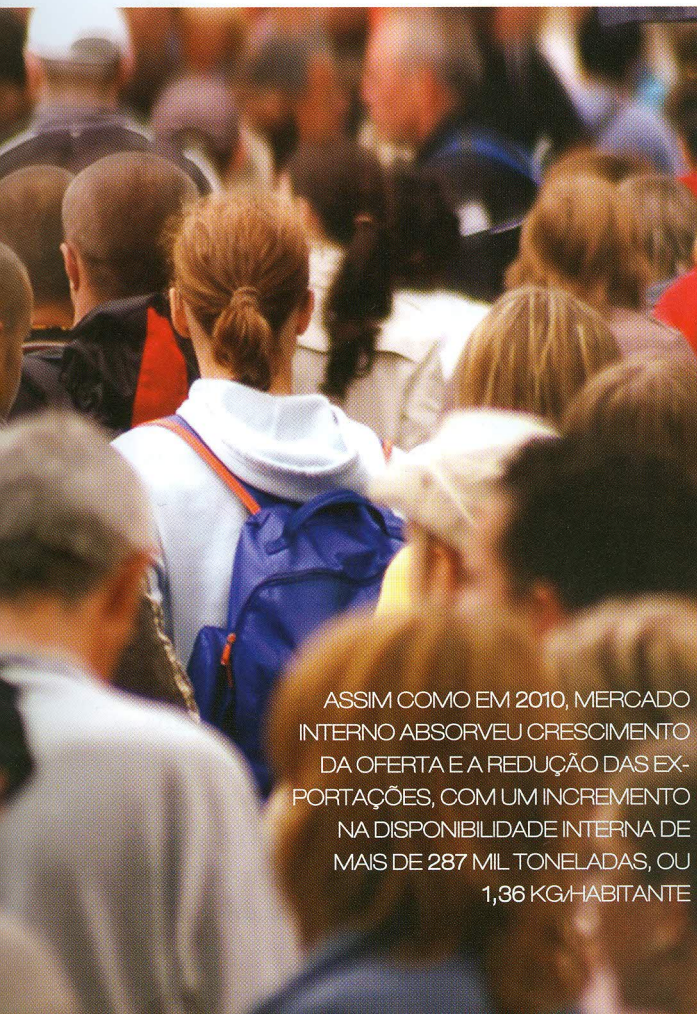
As agroindústrias integradoras⁶ também sofreram pressão de custos, mas obtiveram melhores preços nas exportações e no mercado interno de produtos processados. O preço da carne suína no mercado internacional cresceu acima das demais carnes (igualando os picos do período pré-crise) e acima do preço do milho, o que permitiu compensar a elevação no custo da ração e a valorização cambial do primeiro semestre (Fig. 2

e 3). O comportamento de preços no varejo entre os produtos processados, com aumentos acima da inflação (Fig. 3), sugere que as agroindústrias conseguiram repassar o aumento de custos para os preços no atacado.

No mercado interno de carne suína *in natura*, o comportamento dos preços no atacado foi o contrário das exportações, com queda desde o início do ano, acompanhando o mercado de carne bovina (Fig. 3). As agroindústrias integradoras tiveram sua margem reduzida, mas aquelas que adquirem os animais no mercado *spot*, cuja variação ocorreu no sentido contrário do milho, conseguiram reduzir os impactos na sua margem bruta. As pequenas e médias agroindústrias que atuam em mercados locais ou de nicho vivem um momento de expansão, sendo que a queda do preço do suíno vivo no mercado *spot* afetou de forma positiva a rentabilidade destas empresas.

PERSPECTIVAS FUTURAS

O mercado interno deve se manter aquecido em 2012, puxado pelo baixo desemprego, valorização dos salários⁷, programas sociais e redução dos juros. Espera-se maior crescimento para o próximo ano, superando a desaceleração econômica do final de 2011. Entretanto, continua alta a incerteza acerca dos



ASSIM COMO EM 2010, MERCADO INTERNO ABSORVEU CRESCIMENTO DA OFERTA E A REDUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES, COM UM INCREMENTO NA DISPONIBILIDADE INTERNA DE MAIS DE 287 MIL TONELADAS, OU 1,36 KG/HABITANTE



Safe food começa com Safeeds

A Safeeds Nutrição Animal é uma empresa brasileira, que importa e distribui com exclusividade produtos de alta tecnologia com inovação, confiabilidade e serviços em nutrição animal. Toda tecnologia empregada em nossos produtos e a melhor forma de uso e aplicabilidade, proporcionam os melhores resultados, melhor saúde animal e economia de recursos. Nosso foco é proporcionar ao consumidor final um alimento mais saudável e com alta segurança alimentar.



(45) 3278 7002 | www.safeeds.com.br

Produtos exclusivos:

GALLIACID™

POULTRYGROW 250™

TETRACID 500™

AGRAZINC 100



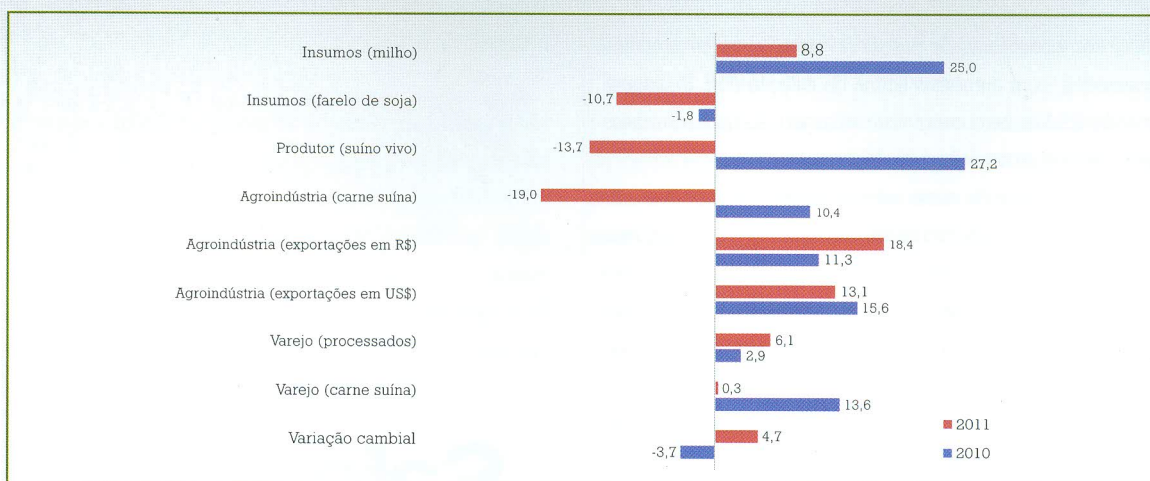


Figura 3. Principais preços na cadeia produtiva da carne suína (variação % acumulada de Jan. a Out.)
Fonte: calculado pelos autores a partir de fontes citadas anteriormente

rumos da economia mundial e, sobretudo, seus impactos nas exportações de carnes e no mercado interno através da redução do crédito e da confiança do consumidor.

No mercado internacional, há a possibilidade de uma redução na oferta da UE e pequeno aumento na dos EUA, com estabilidade nos volumes exportados. Do lado da demanda, destaca-se a previsão de redução significativa nas importações russas e aumento nas da China e de Hong Kong⁸. A China em especial deve se consolidar como um mercado importante para o Brasil, não apenas em função das negociações governamentais amplamente divulgadas na mídia, mas também em função da forte restrição de oferta devido a problemas sanitários⁹. Isso já está mudando a composição

das exportações brasileiras, com a substituição da Rússia como principal comprador¹⁰. Há ainda a possibilidade de abertura das exportações para o Japão e para a Coreia do Sul, mas persistem dúvidas se o Brasil conseguirá ser aceito nestes mercados mais exigentes. Os preços internacionais das carnes devem se manter em níveis elevados devido aos baixos estoques e a problemas sanitários em vários países¹¹. Além disso, o câmbio se manterá volátil, mas em patamares superiores a 2011. O efeito dessas variáveis será o aumento das exportações, sempre considerando um cenário de controle da febre aftosa no Brasil.

Caso o aumento nas exportações seja maior do que 50 mil toneladas deve ocorrer uma redução na disponibilidade interna per capita¹² e consequente pressão para elevar o preço da carne suína, sobretudo em um ambiente econômico menos restritivo do que 2011 e com oferta apertada da carne bovina. A estabilidade dos preços da carne suína em 2011 foi determinante para absorver a maior oferta e a tornou menos cara em relação à carne de frango. Entretanto, permanece alta a incerteza quanto à disponibilidade interna de carne de frango e, conseqüentemente, quanto a seus preços. O preço dos processados acompanha a inflação ao consumidor e representam em grande medida uma aspiração de consumo das classes C e D, puxando a demanda por esses produtos.

TABELA 2. PRINCIPAIS PREÇOS NA CADEIA PRODUTIVA DA CARNE SUÍNA (R\$/KG)*

Produto	2009	2010	2011
Milho no atacado	0,32	0,30	0,46
Farelo de soja	0,80	0,66	0,66
Suíno vivo	2,13	2,53	2,45
Exportação	4,08	4,33	4,51
Exportação (US\$/kg)	1,99	2,45	2,74
Carcaça suína no atacado	3,88	3,97	4,01
Carne suína no atacado*	5,41	5,66	6,08
Carne suína no varejo*	8,02	8,12	9,40
Processados no varejo**	11,38	11,79	12,86
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	2,05	1,77	1,65

Fonte: elaborado pelos autores a partir de ACCS; Acismat, Acsurs, Asemg, Deral-PR; IEA-SP

* Média de Jan. a Out. em MG, MT, PR, RS, SC e SP

** Lombo sem osso, pernil com osso e paleta com osso no PR

** Linguça, mortadela e presunto em SP

MILHO CARO

Nos custos de produção, além da persistente tendência de aumento na mão-de-obra, permanece a incerteza global quanto ao milho. O cenário internacional aponta para uma redução no preço das *commodities*. Aliado a uma safra recorde no Brasil, espera-se que haja uma acomodação do preço do milho em 2012, mas ainda em patamares elevados



O AUMENTO DO PREÇO DO MILHO FOI O FATOR QUE MAIS INFLUENCIOU DE FORMA NEGATIVA A RENTABILIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DA CARNE SUINA EM 2011

em relação à série histórica. Alguns analistas apontam que o fator decisivo para reduzir o valor e a volatilidade do preço do milho é o futuro do programa de etanol nos EUA, sendo o principal fator a ser monitorado¹³.

Esses são os fatores que devem determinar a rentabilidade da suinocultura no mercado *spot* e das agroindústrias integradoras no ano de 2012. A rentabilidade da grande maioria dos suinocultores integrados por meio de contratos de parceria ou comodato obedece outra lógica, havendo carência de dados e informações que possam retratar a sua realidade. Nos últimos anos tem ganhado força o debate acerca da relação entre agroindústrias e produtores integrados, com a

proposição de dois projetos de lei para regulamentar os contratos. A sua aprovação prevista para 2012 pode influenciar de forma positiva a rentabilidade dos integrados, os projetos de expansão das agroindústrias e, conseqüentemente, a oferta de carne suína, com implicações para o mercado *spot*. ¹³

¹ Pesquisador da Embrapa Suínos e Aves (contatos através do e-mail marcelo@cnpsa.embrapa.br)

² Abipecs e Embrapa - Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos (LSPS)

³ USDA (em <http://www.fas.usda.gov/>)

⁴ Apenas 13% das matrizes na região Sul, 31% no Centro-Oeste e 70% no Sudeste (Abipecs e Embrapa - Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos - LSPS)

⁵ Diferença entre o preço recebido pelo suíno vivo e o custo com milho e farelo de soja

⁶ Que comprem milho e farelo de soja ao invés de suíno vivo no mercado *spot*

⁷ O reajuste previsto do salário mínimo para 2012 será de 14,3%

⁸ USDA (em <http://www.fas.usda.gov/>)

⁹ Rabobank (em <https://www.pressroomrabobank.com/>)

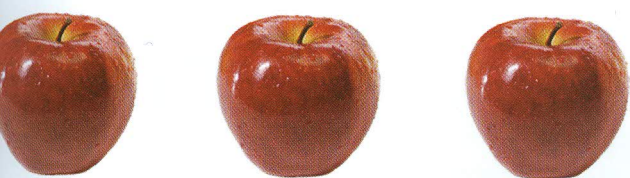
¹⁰ Abipecs (em <http://www.abipecs.org.br/>)

¹¹ FAO (<http://www.fao.org/>)

¹² Considerando uma previsão de aumento populacional de 0,8% (IBGE) e na oferta de carne suína de 2,1% (Abipecs e Embrapa - LSPS)

¹³ FAO (<http://www.fao.org/>); Feedstuffs (Vol. 83); Centro de Inteligência do Milho - CIMilho (em <http://cimilho.cnpsa.embrapa.br/>) e Conab (em <http://www.conab.gov.br/>)

Você consegue ver a diferença?



...vezes, as semelhanças são apenas superficiais...



O Painel de Resfriamento Evaporativo Original

Painéis de resfriamento evaporativo CELdek originais para obter:

- Um melhor desempenho do sistema
- Confiabilidade de longo prazo
- Redução ou eliminação de problemas com odores
- Redução do risco de reclamações
- Tranquilidade
- O suporte técnico contínuo e de engenharia ajudam com relação à manutenção e aplicações especiais

Munters Brasil Indústria e Comércio Ltda.

Rua Engenheiro Sady de Souza, 650-C

Cidade Industrial de Curitiba - Curitiba - Paraná CEP 81290-020

Tel: + 55 41 3317 5050, Fax: +55 41 3317 5080